

UM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO NA MODALIDADE A DISTÂNCIA: ACESSO E EXCLUSÃO

Maria Amélia de Castro COTTA*
Diva Souza SILVA**

Resumo: Refletir sobre os cursos de pós-graduação *lato sensu* na modalidade EaD a partir de uma experiência como formuladoras do material didático e de acompanhamento aos alunos é a proposta de nosso artigo. O desafio que encontramos hoje está em criar condições para que esta modalidade de educação ultrapasse a transmissão da informação. Neste sentido, a interação entre alunos e alunos, professores e alunos ainda é um desafio. Alguns fatores devem ser lembrados e incorporados como desafios para os docentes, coordenadores de cursos e gestores na modalidade a distância. Entre eles, está o contexto social em que o aluno se encontra. Dentre os relatos dos alunos sobre a experiência vivida na oferta de um curso de especialização a distância, destaca-se a falta de conhecimento e domínio das tecnologias. Isto também pode significar que as dificuldades tecnológicas dos alunos estão associadas aos processos formativos escolares e com a educação como um todo. Um curso na

*Professora do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Paulista "Julio Mesquita Filho/UNESP/Brasil; ameliacotta@gmail.com

** Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós Graduação Comunicação e Sociedade da Universidade Federal de Uberlândia/UFU/Brasil; diva@faced.ufu.br

modalidade a distância traz como possibilidade ao sujeito, o fato de poder em sua singularidade e em seu espaço e tempo particular de vida, ter acesso ao conhecimento, a informação, a educação. No entanto, ao nos relacionar com as inovações tecnológicas, é necessário ainda pensar sobre a relação destas com as inovações pedagógicas. Isto implica em dizer que ainda é necessário pensar em termos institucionais, sobre o que significa esta modalidade de ensino e suas implicações, principalmente nas concepções sobre ensino, aprendizagem, estudo e gerenciamento de processos educativos. A compreensão da educação a distância está inserida numa categoria maior, ou seja, é educação. Do contrário, permanecerá o desconforto de professores, alunos e gestores de se trabalhar com a modalidade e qualificá-la.

Palavras-chave: Ensino Superior; Educação a Distância; Tecnologias e Educação

A COURSE OF EXPERTISE IN DISTANCE MODE: ACCESS AND EXCLUSION

Abstract: Reflecting about the courses of post-graduation in distance education mode from an experience as formulators of educational materials and monitoring students is the proposal of our article. The challenge we face today it is to create favorable conditions to allow this type of education to surpass the processing of information. Therefore, the students-students and teachers-students interactions remain a challenge. Some factors should be remembered and incorporated as challenges for teachers, course coordinators and managers in distance education mode. Among these factors, the social

context in which the student is found. Among reports of students about their experiences in offering a distance specialization course, there is the lack of knowledge and domain of technology. This may also mean that the technological difficulties of students are associated with school training processes related to education as a whole. A distance education course brings as possibilities to the individual, the fact of being able in its uniqueness and its particular time and space of life, to access knowledge, information and education. However, to relate to technological innovations, it is also necessary to think about the relationship of that with the pedagogical innovations. This means that it is still necessary to think about institutional terms, what this type of education does and its implications, particularly in conceptions about teaching, learning, research and education process management. The understanding of distance education is embedded in a higher category, in other words, it is education. Otherwise, the discomfort of teachers, students and administrators in working with the modality and qualifying it will remain.

Keywords: Higher Education; Distance Education; Technology and Education

Introdução

A proposta desse artigo originou-se de um diálogo entre as autoras sobre as suas vivências como formuladoras de material didático para os cursos de pós-graduação *lato sensu* e professoras dos respectivos cursos na modalidade de EaD de diferentes instituições do

Ensino Superior no Estado de Minas Gerais. No nosso diálogo, muitas foram as preocupações com a educação na modalidade a distância, perpassando pelo lugar ocupado no ensino superior, na relação com as diferentes tecnologias e o compromisso com as inovações pedagógicas, bem como a relação professor e aluno no ambiente virtual.

Na oportunidade, tínhamos registrado alguns dados em módulos ministrados por nós quanto aos seguintes aspectos: a) perfil dos alunos; b) formação profissional; c) atuação profissional; d) justificativas apresentadas pelos alunos para a não participação no ambiente virtual, principalmente nos fóruns.

Nesse artigo, centraremos a nossa discussão na relação dos alunos com as tecnologias e a participação dos mesmos no ambiente virtual. Foi possível realizar algumas reflexões entrando em contato com os alunos via central de mensagens (*e-mails*) e telefonemas para aqueles que não participavam efetivamente das discussões propostas.

O desafio que encontramos hoje está em criar condições para que esta modalidade de educação ultrapasse a transmissão da informação. Neste sentido, a interação entre alunos e alunos, professores e alunos ainda é um desafio.

Um curso na modalidade a distância traz como possibilidade ao sujeito, o fato de poder em sua singularidade e em seu espaço e tempo particular de vida, ter acesso ao conhecimento, à informação e à educação. No entanto, ao nos relacionar com as inovações tecnológicas, é necessário ainda pensar sobre a relação destas com as inovações pedagógicas. Isto implica em dizer, que ainda é necessário pensar em termos institucionais, sobre o que significa esta modalidade de ensino e as suas implicações no ato de estudar, ensinar e gerenciar processos educativos relacionados à modalidade. Nesse sentido, o aluno, na EaD, deve, como afirma Pimentel (2010, p. 17): "ser orientado quanto aos comportamentos previstos e desejáveis para o bom desempenho na nova modalidade que irão estudar e aprender".

É preciso oferecer a esses alunos, oportunidades para que vivenciem códigos inerentes a essa modalidade de ensino, atitudes, disciplina, organização, cumprimento de prazos, responsabilidade pessoal, participação ativa e interação, que são requisitos exigidos aos alunos de cursos a distância.

Entendemos que é necessário que alunos, professores e gestores entendam que a educação na modalidade a distância, não é uma educação menor, no sentido de que não é de qualidade inferior aos cursos presenciais. Para tanto, a compreensão da educação a

distância está inserida numa categoria maior, ou seja, é educação. Do contrário, permanecerá o desconforto de professores, alunos e gestores de se trabalhar com a educação a distância. "Somente a terminologia educação abarcaria essa concepção ampliada com destaque para alguém com interesse em aprender e alguém com a intenção de ensinar" (MILL, 2010, p. 49).

Consideramos ainda que alguns aspectos devem ser (re) pensados pela universidade quanto: a) as competências necessárias tanto para a educação presencial como para a educação a distância, exigindo assim, formação continuada dos professores da instituição; b) avaliação contínua das propostas dos cursos, bem como dos módulos na modalidade a distância, sucedida de discussões sobre os mesmos, envolvendo gestores, professores, representantes de alunos de diferentes lugares, coordenadores; c) discussão sobre a identidade do professor de EaD; d) compreensão do espaço virtual, como espaço da diversidade.

Apresentaremos alguns dados de uma turma de alunos de um curso de pós-graduação *lato sensu* na modalidade a distância a fim de compreendermos a relação dos alunos com as tecnologias e com a educação a distância.

O Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) utilizado era desenvolvido pela própria instituição, com as seguintes características:

- a) os textos das aulas são inseridos progressivamente;
- b) para cada aula inserida há também a proposta de um fórum com a temática estudada;
- c) no módulo analisado foram propostas duas atividades de elaboração de texto que foram inseridas no portfólio e corrigidas pelas professoras, dando a oportunidade dos alunos reescreverem os seus textos;
- d) além dos textos das aulas, são sugeridos textos complementares, assim como a indicação de livros;
- e) os alunos ainda contam com aulas via satélite em tempo real, podendo participar das mesmas por meio do messenger;
- f) as perguntas enviadas no momento das aulas são retomadas no ambiente virtual;
- g) todas as atividades realizadas no ambiente virtual são pontuadas.

Quanto ao total de matriculados, tínhamos setenta e quatro inscritos. A formação acadêmica dos respectivos alunos era heterogênea, oriundos em sua maior parte, de universidades e

instituições do ensino superior da rede privada. Desses setenta e quatro alunos, 15% eram pedagogos; 4% teólogos; 3% de psicólogos; 2% de licenciados em história; 1% de fonoaudiólogos; 1% de licenciados em informática; 1% graduados no curso normal superior; 1% de licenciados no curso de letras; 1% de licenciados em matemática; 1% de engenheiros mecânicos; 1% de administradores. Os demais alunos não responderam a essa questão.

Indagados sobre a sua atuação profissional, podemos adiantar que as atuações apresentadas também foram diversificadas tais como:

a) trabalha com crianças; b) pedagoga; c) professora (sem especificar o ano ou o nível em que leciona); d) professora da Educação Infantil e Ensino Fundamental; e) assistente técnica de Educação infantil; f) professora da Educação Especial; g) professor de informática; h) diretor de entidade filantrópica; i) diretor de escola; j) assistente social; k) fonoaudióloga; l) psicóloga; m) sacerdotes; n) trabalha em área comercial; o) administradores; p) trabalha em supermercado; q) engenheiros; r) servidores públicos.

Durante os fóruns, foi percebido que 40% dos alunos não participavam dessa atividade e 40% participavam timidamente ou realizavam cópias da internet para emitir um comentário. Apenas 20%

dos alunos, faziam indagações, comentários sobre as aulas, apresentavam dúvidas, discutiam com o professor, discordavam ou não das respostas dos colegas. Sendo, assim, realizamos telefonemas, para encontrar respostas dos alunos pela a não participação nos fóruns e obtivemos o seguinte resultado: 48% apresentaram como justificativa a "falta de tempo"; 18% disseram ter dificuldade tecnológica; 12% não tinham computador; 8% computador estragado; 6% disseram que a internet é lenta (discada); 8% de alunos com problemas de saúde.

É necessário ressaltar que nos telefonemas realizados, os alunos elogiavam o curso, em especial o material das aulas que era impresso por eles em *lan house* ou na casa de um colega. Manteremos o nosso foco de análise sobre as interações realizadas no ambiente virtual, contando também com as respostas recebidas e registradas pelos alunos que não participavam dos fóruns. Sendo assim, o nosso texto será dividido em dois eixos de análise: a) acesso e exclusão dos alunos na modalidade a distância; b) quem fala?

Esperamos contribuir com reflexões que possam ser rediscutidas em diferentes espaços e instituições de ensino superior, tendo como elementos fundantes, os sujeitos envolvidos nessa relação de aprendizagem que se inserem em contextos diversificados, em

tempos particulares de vida e com diferentes objetivos. No entanto, como professores, temos um desafio: ensinar e ensinar a aprender.

Acesso e exclusão dos alunos na modalidade a distância

O debate sobre os direitos do homem configurou-se como uma temática central nos últimos 30 anos, mais especificamente, a partir da década de 80. No entanto, a questão dos direitos é bem antiga, não nasceu nessa década, mas, tem ocupado diferentes discussões em contextos diversos e com interpretações de toda ordem. Não aprofundaremos nesse debate, mas, nos importa concordar que "todos os direitos do homem são, indubitavelmente, um fenômeno social". (BOBBIO, 2004, p. 6).

Por esse caminho, falamos do direito à educação, como sendo a possibilidade legítima do exercício da cidadania. “Educação não é privilégio” como afirmou Teixeira (1994). Ele referenda a discussão centenária pelo acesso e direito à educação de todos os sujeitos, cidadãos, em diferentes espaços sociais e culturais.¹ Tal perspectiva

¹ Texto apresentado em mesa redonda por Araújo e Silva (2011) pelos 40 anos do Programa de Pós Graduação em Educação da UFMG. Tema: Direito à Educação, Tecnologias, Educação Matemática: experimentando conexões.

nos leva ao encontro de que a democratização do acesso à tecnologia também faz parte desse direito de todos os cidadãos. Borba (2002) em sua concepção de cidadania afirma que todo o cidadão tem o direito de ‘ler o mundo’ através das diferentes linguagens associadas a diferentes tecnologias, como o computador. E ele acrescenta que essa leitura deve ser entendida como a concepção de leitura crítica do mundo de Paulo Freire. Segundo Freire (1967), a criticidade “implica na apropriação crescente pelo homem de sua posição no contexto. Implica na sua inserção, na sua integração, na representação objetiva da realidade.” (p. 61). Ele considera que a atitude crítica é a única maneira de os seres humanos realizarem sua integração, superando a situação de simples acomodação na sociedade. Freire (1967) fala também na “transitividade crítica, à qual chegaríamos com uma educação dialógica e ativa, voltada para a responsabilidade social e política, e que se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas.” (p. 61). Essa postura transitivamente crítica implica, segundo esse autor, numa volta à matriz verdadeira da democracia.

Borba e Penteadó (2001) reforçam essa reivindicação da democratização do acesso à tecnologia, ao questionarem a postura que coloca a importância do uso da informática na educação na preparação dos alunos para o mercado de trabalho. Eles entendem que “uma visão

mais ampla da educação deve subordiná-la à noção de cidadania e que devemos lutar para que a noção sobre o que é cidadão inclua os deveres e os direitos não subordinados aos interesses apenas das grandes corporações.” (p. 16).

A EaD pensada como uma modalidade que pode ampliar o acesso dos sujeitos à educação diante da extensão territorial brasileira, é algo pertinente. Algumas pesquisas fazem uma retrospectiva histórica da EaD no Brasil, a exemplo de Vianney; Torres; Silva (2003), e destacam que, antes, a modalidade era vista como algo de segunda categoria, ou até mesmo um paliativo para capacitar uma mão de obra profissional e que, não necessariamente, precisava ter um curso superior, ou um curso de qualidade. Não que isso hoje tenha mudado radicalmente, mas, principalmente, a partir da inserção das instituições de ensino superior (IES) públicas na EaD, as prerrogativas de qualidade de formação e de exigências legais, que atestassem tal situação, se tornaram base e pano de fundo para a expansão da EaD e de sua regulamentação.

O Dito e o Não Dito

Os sujeitos para os quais voltamos o olhar nessa reflexão são aqueles que não participavam do Ambiente Virtual de Aprendizagem,

especificamente dos fóruns e que apresentaram justificativas para uma das professoras que ministrava o módulo. Compreender a participação e a não participação no AVA despertou em nós a necessidade de se discutir melhor sobre as interações no ambiente virtual. Cada aluno que recebia o telefonema mostrou-se surpreso com a preocupação da professora, que propositalmente, dizia: "é a sua professora do módulo X, do curso Y, que você está fazendo". Poucos sabiam o nome da professora ou demoravam a se lembrar do nome dela. Respondiam surpresos e com reverência: "Ah sim Professora. Gosto muito de sua aula! A senhora é muito atenciosa". Mas, em seguida algumas justificativas e até histórias de vida foram contadas. As justificativas foram enumeradas na introdução. Mas, chamou-nos a atenção, como em sua grande maioria, respondia que estava aguardando a disponibilidade das colegas para se encontrarem em uma das casas para ler as aulas que são impressas.

Essa fala inicial nos diz sobre a necessidade do outro na relação de ensino e aprendizagem. Mas, quem é esse outro? No nosso caso, são os seus pares. Pessoas e profissionais que "tiveram coragem" de matricular-se no curso na modalidade a distância porque o outro o encorajou. Sendo assim, há um grupo formado a priori. Mas, onde está esse grupo no ambiente virtual?

Identificamos assim, uma primeira característica desse grupo que se encontra entre limitações e liberdade para fazer "o seu grupo", ler as aulas impressas em algum lugar prazeroso ou que seja próximo de sua casa, em um horário negociado com amigos que partilham das mesmas experiências.

Por outro lado, vimos que a maior justificativa para a não participação no ambiente virtual é a "falta de tempo", que pode ser interpretada de diferentes maneiras: falta de vontade de fazer sozinho, falta de vontade de sentar-se à frente do computador, cansaço, dificuldade de compreensão de leitura na tela, dificuldade tecnológica ou falta de espaço para se dedicar aos estudos em sua própria casa.

Estamos falando nesse momento dos afetos, das expectativas, das palavras, dos gestos, das emoções, que são integrantes da subjetividade. A ideia de que um amigo está tendo dificuldade em realizar um curso na modalidade a distância só adquire sentido quando partilhando de experiências comuns.

Marx afirmou que: [...] o homem se define no mundo objetivo não somente em pensamento, senão com todos os sentidos [...]. Sentidos que se afirmam, como forças essenciais humanas. [...] não só os cinco sentidos, mas os sentimentos espirituais (amor, vontade)

(MARX, 2004, p. 27). Os afetos ajudam os alunos a avaliar as situações que estão vivendo, que para esse grupo, era completamente nova. Servem ainda para desenvolverem a percepção que possuem sobre as situações vividas, permitindo dizer aos pares o que estão sentindo, por meio da linguagem. Mas, e no ambiente virtual de aprendizagem?

Há também expressões afetivas que aparecem no ambiente virtual, nem sempre de modo tranquilo, pelo fato de prescindirmos da entonação. Em certos momentos, expressão de raiva, de abandono, de desprezo em falas como: "ninguém comentou o que eu disse. Falei algo errado"? Ou: "Professora, a senhora não fez nenhum comentário sobre a minha participação hoje. Algum problema?". Ou seja, os alunos pedem diálogo, presença, atenção ao que estão dizendo e querem a "resposta certa". Muitas vezes esse dado é até mais enfático na EaD do que na modalidade de educação presencial.

Tais comentários também podem nos dizer sobre o "peso da escrita", que parece ganhar maior espaço na modalidade a distância, devido a necessidade de se comunicar. Nesse sentido, percebemos que a participação nos fóruns virtuais exige que alunos e professores relacionem-se quase que interpretando metáforas. Por outro lado, faltam-nos maiores estudos sobre o modo como os alunos processam

suas leituras na tela.

O que se pode perceber que grande parte deles imprimem não somente as aulas, como também os diálogos que acontecem nos fóruns, conforme afirmado por quatro alunas que telefonamos: "Professora, eu não participo, mas, imprimo os fóruns e leio tudo o que estão dizendo".

Algumas hipóteses e aproximações nos levaram a indagar sobre essa relação dos alunos com o ambiente virtual e sobre a relação dos professores com essa realidade. Indagamos: qual são as limitações e potencialidades das tecnologias digitais virtuais para a educação? De que tipo de inovação precisamos? Qual a função do outro nesse processo? Que processos de leitura e compreensão o aluno se insere mediante um texto escrito (impresso) e um texto na tela? Nesse caso, estamos falando de uma EaD como novidade ou inovação? É preciso ainda lembrar que esse grupo de alunos não está imerso no mundo tecnológico digital assim como grande parte dos professores que vivenciam o ambiente virtual. Ou seja, há diferentes sujeitos com diferentes conhecimentos, interesses, expectativas num espaço e tempo histórico determinados. Assim, professores e alunos podem não perceber as potencialidades de um ambiente virtual porque não são suficientemente significativas para eles, em que as interações

aluno/aluno, aluno/mundo, aluno/professor não dão a eles um sentimento de presença, de pertencimento, que é fundamental no processo de aprendizagem a distância, conforme reafirma Schelmmmer (2010) “Manifestações dos usuários dos atuais AVA como "me sinto sozinho", "sinto falta de ver as pessoas", entre outras, evidenciam a importância da presença social para os sujeitos que interagem com esses ambientes”. (p. 80).

Esta afirmativa se confirma nos depoimentos dos alunos e nos diz que a interação é um dos principais elementos de um processo educativo. Isso exige novas metodologias e práticas; processo de mediação pedagógica e, porque não dizer um repensar sobre a plataforma utilizada nos cursos de pós-graduação.

Portanto, um desafio inicial na educação em diferentes níveis e modalidades: a promoção e a emancipação digital a fim de desenvolver metodologias e processos de mediação pedagógicas capazes de aproveitar as possibilidades que esses novos meios disponibilizam para os processos de ensinar e aprender. (SCHELMMER, 2010).

Professores e alunos necessitam de configurar juntos, um espaço de convivência educacional por meio de interações em um

ambiente perpassado pelo respeito mútuo, colaboração, cooperação em espaços dinâmicos e relacionais, em que os sujeitos podem ter diferentes tipos e níveis de presença digital virtual, que dependem também da tecnologia utilizada.

Caso contrário, estamos virtualizando a escola tradicional, legitimando o tecnicismo, onde as ações do professor resumem-se em verificar se o aluno memorizou a informação, exigindo dele uma aplicação direta da informação fornecida, em um domínio muito restrito.

Urge que repensemos num sistema educativo que inclua a cultura tecnológica, atentando-se para os vários mundos que povoam alunos, professores, universidades, ambientes virtuais de aprendizagem que se traduzem em concepções plurais de educação, ensino, aprendizagem, leitura, inclusão e exclusão, respeito, liberdade e expressão. Em outras palavras, para se discutir EaD há também de se pensar na intencionalidade social dessa modalidade de educação entrelaçando com as opções de plataformas virtuais a serem utilizadas nos cursos de graduação e pós-graduação.

Parece-nos faltar coragem para derrubarmos preconceitos contra a EaD, ou melhor, alguns tipos de educação a distância. Para

isso, é necessário conhecer a cultura que está posta, analisando e avaliando os ambientes virtuais de aprendizagem simplificados, fragmentados, pouco significativos e desassociados da visão de educação, de sociedade, de homem.

Considerações Finais

Refletir sobre o curso de especialização desenvolvido na modalidade a distância e os processos de acesso e exclusão dos alunos, pode contribuir na compreensão de como se dá tal processo em outros cursos similares.

Verificou-se que o acesso não está necessariamente garantido pela disponibilidade de um ambiente virtual de aprendizagem, mas pelos processos de interação que dele podem ocorrer. Também a exclusão não está ligada diretamente por ser um curso na modalidade a distância, mas pela ambientação ou não dos alunos com recursos tecnológicos, pela autonomia que tal modalidade exige e pela disciplina quanto a participação, prazos e questões gerenciais do curso, o que , para muitos alunos pode ser sempre “negociado”.

A concepção de educação que envolve a elaboração de um

curso e seus processos de ensino e aprendizagem perpassa a produção de material, as formas de interação e interatividade no AVA, a formação continuada dos docentes envolvidos, as formas de avaliar e, principalmente o grupo de pessoas (autores, tutores, monitores, dentre outros) que contribuem para o bom desenvolvimento de um curso.

A estratégia de contato através de telefonemas aos alunos que não respondiam aos e-mails e não participavam do AVA foi uma maneira simples de buscar conhecer quem é esse “outro” que faz parte de um processo educativo e quais são suas expressões “ditas e não ditas” em uma modalidade de curso a distância. A não participação poderia se configurar por si só um aspecto de evasão do curso, entretanto, tal aspecto foi relativizado quando se descobriu motivos e justificativas para a não participação.

O importante é sabermos lidar com essas respostas e refletirmos para mudar uma educação a distância que está dada e que nos incita a melhorarmos a qualidade do processo. Tais reflexões poderão contribuir com a modalidade de educação presencial, aonde alguns aspectos surgidos na EaD, comuns a presencial, nem sequer foram questionados nesta última.

Referências

BOBBIO, N. (2004). **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Elsevier.
BORBA, M. C. O. (2002). Computador é a solução: Mas qual é o problema? In: SEVERINO, A. J.; FAZENDA, I. C. A. (Orgs.) **Formação docente: Rupturas e possibilidades**. Campinas: Papirus. p. 141-161.

FREIRE, P. (1967). **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
Marx K. (2004). **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo.

MILL, D. Sistemas logísticos em Educação a Distância: uma visão crítica. In: MILL, D.; PIMENTEL, N. (Orgs.) **Educação a distância**. Desafios contemporâneos. São Carlos: EdUFSCAR.

PIMENTEL, N. M.; MILL, D. Ensino, aprendizagem e inovação na Educação a Distância: desafios contemporâneos dos processos educacionais. In: MILL, D.; PIMENTEL, N. (Orgs.) **Educação a distância**. Desafios contemporâneos. São Carlos: EdUFSCAR.

SCHLEMMER, E. Inovações? Tecnológicas? na Educação. In: MILL, D.; PIMENTEL, N. (Orgs.) **Educação a distância**. Desafios contemporâneos. São Carlos: EdUFSCAR. 2010.

SILVA, D. S. **A constituição docente em matemática a distância: entre saberes, experiências e narrativas**. 278f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

TEIXEIRA, A. **Educação não é privilégio**. 5a. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1994.

VIANNEY, J.; TORRES, P.; SILVA, E. **A universidade virtual no Brasil**. Tubarão: Editora Unisul. 2003.